

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior
Leonardo Luiz Silveira da Silva
(Orgs.)

IRRUPÇÕES GEOGRÁFICAS

Afetos, lugares e paisagens para além das representações



© (2024) Carlos Roberto Bernardes de Souza Jr e Leonardo Luiz Silveira da Silva

© (2024) Editora Rasuras, Vitória – ES, Brasil

Reservam-se os direitos e responsabilidades do conteúdo desta edição aos autores. A reprodução de pequenos trechos desta publicação pode ser realizada por qualquer meio, sem a prévia autorização dos autores, desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei n. 9610/1998) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

CAPA

Carlos Roberto Bernardes de Souza Jr (auxílio do Microsoft Designer)

DIAGRAMAÇÃO

Carlos Roberto Bernardes de Souza Jr & Jéssica Soares de Freitas

EQUIPE DA EDITORA RASURAS

DIRETORA EXECUTIVA

Lorena Marinho Aranha

CONSELHO CIENTÍFICO

Antonio Carlos Queiroz Filho (Ufes, Brasil)

Rafael Fafá Borges (Grupo de Pesquisa RASURAS, Brasil)

CONSELHO EDITORIAL

Alessandro Dozena (UFRN, Brasil)

Ana Francisca Azevedo (Universidade do Minho, Portugal)

Ana Giordani (Uff, Brasil)

Ana Patricia Noguera (Universidad Nacional de Colombia, Colômbia)

Annabel Lee Teles (Espacio Pensamiento, Uruguai)

Feibriss Cassilhas (Ufba, Brasil)

Gisele Girardi (Ufes, Brasil)

Laryssa Tarachucky (Labic Novale, Brasil)

Maria Cristina Sanchez Léon (Pontificia Universidad Javeriana,
Colômbia)

Patrícia Aranha (Adam Mickiewicz University, Polônia)

Paula Vanessa de Faria Lindo (UFFS, Brasil)

Rafael Fafá Borges (Grupo de Pesquisa RASURAS, Brasil)

Rafaela Scardino (Ufes, Brasil)

Rosane Zanotti (Ufes, Brasil)

Tiago Vieira Cavalcanti (UFC, Brasil)

Tom Boechat (Ufes, Brasil)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Irrupções geográficas [livro eletrônico] : afetos, lugares e paisagens para além das representações / (orgs.) Carlos Roberto Bernardes de Souza Junior, Leonardo Luiz Silveira da Silva. -- 1. ed. -- Vitória, ES : Editora Rasuras, 2024.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-995839-5-7

1. Arte e cultura 2. Criatividade - Aspectos sociais 3. Geografia - Amazônia 4. Representações sociais I. Souza Junior, Carlos Roberto Bernardes de Souza. II. Silva, Leonardo Luiz Silveira da.

24-223874

CDD-910

Índices para catálogo sistemático:

1. Geografia 910

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



DOI (Digital Object Identifier)

[10.5281/zenodo.13533633](https://doi.org/10.5281/zenodo.13533633)



Geografia, Arte e criatividade numa perspectiva mais-que-representacional

Francisco Magalhães

Daniel Paiva

Eduardo Brito-Henriques

Introdução

A relação entre a Geografia, a arte e a criatividade é antiga e persistiu ao longo dos tempos pela sua pertinência. Desde a recolha de artefactos de arte popular, à análise de pinturas, fotografia, filmes e poemas, até à produção participativa de obras de arte por comunidades, essa relação tem assumido várias formas. Foi desde a década de 1980, com o *cultural turn*, que a convergência entre Geografia e arte se tornou mais densa e frutuosa (Hawkins, 2011, 2013). Utilizando métodos vindos das humanidades como a iconografia e a análise semiótica, a Nova Geografia Cultural (orientada por uma perspetiva representacional) explorou o potencial das artes (sobretudo representações da paisagem na pintura, fotografia e cinema) para perceber dinâmicas de domínio e poder (Cosgrove, 1998; Cosgrove & Daniels, 1988). Percebia-se o espaço como produto de relações sociais, as quais estavam associadas a lógicas de poder e ao jogo de forças entre hegemonia e resistência. Tomando cultura como um processo que consiste na forma como crenças e relações de poder se reproduzem na construção do espaço e a paisagem como texto, o objetivo destas investigações geográficas era descodificar quais são os significados por detrás das formas do espaço, tomando-as como representações

a ser alvo de uma análise semiótica (Rose, 1993, 1997; Soja, 1996). Esta perspetiva trouxe a investigação geográfica para próximo das artes (Mitchell, 1993; Rose, 2001).

Com o surgimento da perspetiva mais-do-que-representacional, a Geografia virou-se para as performatividades – para uma “Geografia do que acontece” (Thrift, 2007, p. 2). A paisagem deixa de ser percebida apenas como uma representação de relações de poder e passa a ser entendida como algo vivo onde há um habitar quotidiano imerso numa vivência corporizada, onde o sujeito existe na sua ação enquanto um ente relacional com o que o rodeia (Latour, 2005), afetando e sendo afetado pelos corpos e as materialidades com que interage (Anderson & Harrison, 2010; Paiva, 2018a, 2018b; Silva, 2022a, 2023a, 2023b; Thrift, 1996, 2007). Nesta abordagem, onde os afetos, a performance e a paisagem como *assemblage* passam a estar no centro do debate, poder-se-ia pensar que a relação entre a arte e a Geografia se tornou menos relevante. Contudo isso não se verificou. As perspetivas mais-do-que-representacionais vieram trazer novas formas de teorizar a arte, passando a ser entendida como capaz de produzir eventos que têm efeitos performativos, materiais e criativos no mundo (Foster & Lorimer, 2007; Silva, 2022b). Considerando a arte não apenas na sua dimensão representacional, mas antes como um evento, conceitos como corpo, sujeito, obra, encontro, hábito e habitar, passam a estar no centro do debate (Lapworth, 2015).

Nos anos mais recentes fala-se num *creative (re)turn* (Hawkins, 2019) para exprimir um reaproximar da Geografia às artes criativas, um “retorno às humanidades e a ascensão do campo das geohumanidades” (Leeuw, 2022, p. 95). Esta nova perspetiva argumenta que através da arte é possível: i) evocar sentimentos, ambiências e realidades afetivas dos lugares, difíceis de captar através de outras formas de comunicação como a linguagem; ii) materializar e criar lugares (quer *topoi* artístico-imaginativos, quer *topoi* materiais), produzindo novas perspetivas sobre o habitar; iii) e capturar relações e agências presentes ou refletidas no evento artístico (Cresswell & Dixon, 2017; Hawkins, 2015, 2021a, 2021b; Hunt, 2014). Nesta nova conceção, a arte aparece à Geografia de uma forma multidimensional, onde há um enfatizar dos seus potenciais para representar dinâmicas de agência e relação, do evento performativo e das suas virtualidades na produção de novos imaginários e formas de relação. Além disso, a Geografia passou a encontrar nas artes uma forma de difusão do conhecimento, de ensinar e de intervir nos espaços. Neste sentido, não estamos nem apenas a falar da sua dimensão performativa, nem apenas da sua dimensão representacional; mas antes de um encontro complexo que é um evento que evoca sentimentos e afetividades, e que pode refletir e alterar formas de ser-no-mundo. É por isso que argumentamos que não estamos nem perante uma perspetiva representacional, nem perante uma perspetiva estritamente não-

representacional, mas antes uma perspetiva mais-do-que-representacional.

Neste texto discutimos a pertinência e enquadramento da relação entre a Geografia e a(s) arte(s) de um ponto de vista mais-do-que-representacional. Através de uma coleta, leitura e análise da literatura, começamos por evocar o pensamento deleuziano, com particular interesse nos conceitos de encontro, hábito, *doxa*, avaliação imanente e geofilosofia, na medida em que através deles se abrem novas possibilidades e potencialidades da arte na transformação de valores e formas de relação com o mundo. Na sequência desta reflexão procura-se esclarecer os dois sentidos de *topos* envolvidos no quadro da topopoética e das geohumanidades. Expondo a relação entre o *topos* imaginário-artístico e o *topos* material, procura-se pôr em evidência as potencialidades da criatividade e da relação com os objetos artísticos na transformação das relações ontológicas que temos com o mundo e na reavaliação das nossas práticas e hábitos. Fechados estes dois primeiros pontos onde se explica o potencial da arte para intervir nos lugares, discutiremos o seu potencial como forma de representar e conhecer o mundo, e as suas potencialidades na comunicação de conhecimento produzido pela Geografia. Com isto em mente, num terceiro momento, refletimos sobre a arte como *medium*, sobretudo sobre o seu potencial na comunicação de formas de saber não convencionais.

Corpo, mundo, sujeito, hábito: ao encontro de Deleuze

O modelo crítico que se instalou nas ciências, sobretudo nas ciências sociais, no final do século XX, e que privilegiava lógicas de universalismo, apontado para relações de poder de caráter transversal e generalista, negligenciando as dimensões materiais e agenciais das práticas analisadas, foi posto em questão por autores como Rancière (2009). Na arte, algo de semelhante aconteceu. A crítica que reduzia a arte à procura de significados escondidos e lógicas de poder começou também a ser criticada por ignorar como as forças vitais da arte podem criar novos significados e formas de relação com o mundo (Walsh, 2016).

Neste sentido interessa-nos aqui evocar um novo conceito de crítica proposto por Deleuze. Em contraste com as formas tradicionais de crítica, Deleuze propõe uma mudança fundamental na maneira como avaliamos e valorizamos as coisas. Deleuze (2012) argumenta que Kant não conseguiu satisfazer o seu próprio projeto crítico. O facto de Kant fazer uma investigação imanente com vista a uma descoberta e explicitação de valores transcendentais e universais, contentando-se com um relato das condições da experiência possível, faz com que para Deleuze esta forma de crítica apareça como insuficiente. O projeto crítico kantiano pressupõe um sujeito transcendental que aparece como externo ao próprio campo e além disso dá também por pressuposto que esse sujeito transcendental tem conhecimento e moralidade. Na visão deleuziana, isto faz com que o projeto crítico kantiano esteja

assente num conjunto de pressupostos que não são alvo da crítica, tornando o projeto incompleto e ele próprio sem fundamento. Em crítica a Kant, Deleuze e Guattari (1991) propõem o conceito de geofilosofia, argumentando que há um campo transcendental “impessoal e pré-individual” no qual o sujeito é ele próprio o resultado ou produto de relações situacionais com outros entes, e dentro do qual ocorre a formação relacional do sujeito (Roberts et al., 2022). Abre-se assim espaço para uma compreensão contextual da formação dos valores e o que passa a interessar não são mais as condições universais da razão, mas antes o contexto que leva a que cada sujeito ou indivíduo valorize cada um dos elementos de determinada forma. Assim, segundo Smith et al. (2023), no pensamento de Deleuze:

o objetivo da filosofia não é redescobrir o eterno ou o universal, mas encontrar as condições singulares sob as quais algo novo é produzido ... a filosofia não visa estabelecer as condições do conhecimento enquanto representação, mas encontrar e promover as condições da produção criativa

Deleuze argumenta que os valores são construídos a partir de avaliações imanentes não conscientes prévias ao encontro com o mundo. Neste sentido, a criação de valores torna-se o ponto central do problema crítico: “o problema da crítica é o problema do valor dos valores, da avaliação pela qual o seu valor se torna valorizável – i.e. o problema da sua criação” (Deleuze, 2006, p. 1). A crítica passa então a aparecer como o problema da criação de valores – onde cada circunstância na sua situação relacional única

cria um valor que é repetível, até que, pela disrupção do hábito haja uma necessidade de revalorização. Deleuze (2000) faz uma análise do hábito e apresenta-o como *pharmakon*. Tal significa que o hábito faz com que haja um mecanismo de segurança pelo qual nos sentimos seguros na nossa forma de relação com o mundo sem nos espantarmos ou nos sentirmos perante o inóspito. O hábito tem, portanto, um efeito limitador. Restringe o que lá está ao habitual – ao que já vimos. Mas ele tem também um efeito criador, uma vez que é através dele que se criam as teses que nos põem em relação com o mundo. A capacidade disruptora do hábito e a necessidade que daí advém de criar novos valores determina uma nova forma de se situar no conjunto de forças relacionais que constituem o mundo. O argumento deleuziano de que é no encontro corpo-mundo que se pode produzir uma disrupção do hábito e a criação de novos valores que determinam uma nova forma de relação com o mundo, abre caminho para uma abordagem mais pluralista e dinâmica da crítica e uma valorização estética como um encontro capaz de produzir novas formas de relação. Nas palavras de Deleuze (2000, p. 240), “[h]á no mundo algo que força a pensar. Este algo é o objeto de um encontro e não de uma reconhecimento.”

Esta conceção vitalista do valorizar e do hábito faz com que os encontros com a arte possam passar a ser entendidos no seu potencial para produzir novas formas de sentir e pensar – i.e. novas formas de relação do sujeito com o mundo (Lapworth, 2015). É através do encontro que o hábito é posto à prova, produzindo a

possibilidade de uma reavaliação e criação de novos valores, que produzem novas formas de relação com o mundo. Através deste conceito de encontro como catalisador de (re)valorização, a crítica imanente proposta por Deleuze permite uma análise sensível e contextualizada das interações entre arte, espaço e experiência (Gerlach et al., 2023; Keating & Williams, 2022; Williams, 2022; Williams et al., 2019). Dessa forma, a Geografia modificou a sua relação com a arte. Numa perspetiva mais-do-que-representacional, a arte passa a ser olhada na sua relação com o espaço de uma forma multidimensional. Por um lado, as obras de arte podem capturar as dinâmicas dos nossos corpos nas práticas quotidianas, evocando sentimentos, uma riqueza sensitiva das ambiências e capturar relações e agências no espaço (Foster & Lorimer, 2007). Por outro lado, o ato de fazer a obra de arte é ele próprio um evento de troca e coexistência entre o artista, o espaço e o público. Este evento e a presença material da arte tem agora a capacidade de romper com o hábito, promovendo um reimaginar dos lugares como um “laboratório dos sentidos” e uma valorização do desconhecido (Hawkins, 2013; Williams et al., 2019). Através da arte podem representar-se momentos de encontro, criá-los e imaginá-los.

É importante salientar que esta mudança no olhar filosófico e geográfico sobre a arte acompanha o próprio modo como os artistas têm problematizado a noção de criação e a conceção das suas obras desde a emergência do pensamento modernista. Ao

longo do último século, a arte tem-se ela própria expandido para além da produção de representações, preocupando-se, por exemplo, com a corporeidade da arte (O'Dell, 1998), a relação da arte com o público (Brayshaw & Witts, 2013), a inserção da arte no contexto espacial (Bishop, 2005), ou o potencial da arte enquanto instrumento de transformação cognitiva ou social (Smith, 2009).

Poeticamente o humano habita nesta terra⁶: os topoi e a relação com o(s) mundo(s)

*Isto não significa que o poético seja um acréscimo e um embelezamento do habitar. Nem significa que o aspeto poético do habitar ocorre de uma ou de outra maneira em todo o habitar. Pelo contrário a frase (de Hölderlin) “...poeticamente o humano habita...” diz: a poesia antes de mais deixa o habitar ser habitar. A poesia é verdadeiramente o que nos deixa habitar. (...) A poesia, ao deixar habitar, é uma construção.
(Heidegger, 2000, p. 183)*

Cresswell (2017, 2022), ao refletir sobre as potencialidades da arte, sobretudo da poesia, nas suas relações com o espaço, propõe uma nomenclatura alternativa à *geopoética* ou *geohumanidades: topopoética*. Desmontando o termo topopoética, Cresswell explica-o da seguinte forma: “*topo* vem de *topos* (τόπος), o termo grego para lugar. Isto é combinado com *poético*, o qual vem de *poiesis* (ποίησις), o termo grego para fazer. Topopoética é assim um fazer-lugar (‘place-making’)” (Cresswell, 2015b, p. 12).

⁶ Tradução de um verso do poema *In lieblicher Bläue* de Friedrich Hölderlin.

O conceito de *topos* por ele enunciado compreende as duas dimensões que o conceito no seu sentido grego e aristotélico já compreendia: o *topos* como lugar material e o *topos* na sua aceção retórica como a ideia que remetia para as coisas através da sua imaginação: “a topopoética trabalha com o duplo sentido de *topos* (como lugar e, na retórica, como forma própria) para explorar o modo como os poemas se tornam lugares ao mesmo tempo que evocam ou apontam para algo” (Cresswell, 2019, p. 174). Se voltarmos ao texto de Heidegger (2000), o que ele nos apresenta é que o poético é o que torna possível o habitar ser habitar. Isto é, é precisamente o poético que torna possível dar significado (valorizar) às coisas disponíveis no mundo com que nos relacionamos. O mundo que aparece perante nós emerge sempre num campo de aparecimento determinado por uma valorização e criação de significado. Esta noção permite-nos desde já perceber que ao expor este duplo entendimento de *topos*, está em causa que cada um deles é alvo de *poiesis* – de um criar de significados por um sujeito que valoriza; literalmente de um place-making.

É esta criação de sentido que procuramos agora perceber. Como pode o *topos* imaginário ajudar a criar sentido – a criar o lugar – do *topos* material? O ponto que Cresswell pretende destacar ao expor estas duas conotações de lugar é sobretudo a relação entre elas: entre o *topos* imaginário e o *topos* como lugar real. Explorando esta relação, duas coisas se concluem: i) a forma como nós habitamos não depende somente da dimensão material e da forma

como nos relacionamos afetivamente e fazemos sentido disso, mas depende também da possibilidade de, ao estarmos no espaço, podermos habitar simultaneamente *topoi* imaginários unipessoais e intransmissíveis; ii) ao evocar o poder da imaginação e o habitar de um *topos* imaginário, isso pode trazer uma nova luz ao lugar quotidiano, rompendo com hábitos e *doxas* e produzindo novas formas de relação com o mundo.

Bachelard (2014), explora a forma como construímos um espaço imaginário no qual habitamos. Na sua reflexão, argumenta que é esse espaço que funciona como proteção e refúgio quando o mundo se apresenta como hostil⁷. Além disso, é através da relação com esse espaço – que significa relacionar-se consigo mesmo – que alguém pode perceber-se na sua relação com o mundo e reinventar-se. Esta evocação de um espaço imaginário e a sua “contemplação, produz uma atitude tão especial (...) que o sonho diurno transporta o sonhador para fora do mundo imediato, para um mundo que tem a marca do infinito” (Bachelard, 2014, p. 201).

É neste *topos* imaginário pessoal que apropriamos e fazemos sentido do símbolo presente no encontro com uma obra de arte. Vale aqui a frase de Rilke: “a árvore que vejo lá fora, cresce em mim” (Rilke, 1957, p. 193). A Geografia percebeu isto e com o *creative (re)turn* passou a olhar a arte e as práticas criativas no seu potencial de intervir no mundo e criar novos sentidos de relação através das

⁷ e.g. “eu consigo recuperar a minha calma vivendo as metáforas do oceano” (Bachelard, 2014, p. 48)

materialidades que proporcionam um encontro onde o mundo aparece a uma nova luz (Hawkins, 2015; Olsen, 2016). Criando uma tensão entre utopia e realidade, ideal e atual, *topos* imaginário e *topos* “real”, a vontade de mudar os hábitos e reinventar a forma de relação com os lugares torna-se evidente (Boyd & Edwardes, 2019; Hawkins, 2017; Olsen, 2019b). Não só como acontecimento que cria novas dinâmicas do lugar (Brito-Henriques & Costa, 2022), mas também como prática que proporciona encontros que criam tensões e novos hábitos, a arte reveste-se deste elevado potencial na reimaginação e intervenção nos lugares e comunidades.

Por exemplo, autores como Magrane (2021), Acker (2021), Cresswell (2022) e Dixon (2016, 2023; 2013), numa perspetiva mais-do-que-humana, têm enaltecido o potencial da arte na criação de novas relações com a natureza e na intervenção nos lugares, no sentido de adaptar os comportamentos ao contexto da crise climática e promover relações ontologicamente mais horizontais com entes biológicos e geológicos (Louro et al., 2020).

Arte como *medium*: comunicação, conhecimento e representação

Além das virtualidades na reinvenção e intervenção nos lugares, a arte e as práticas criativas passaram a ser olhadas pela Geografia após o *creative (re)turn* como um meio não-convencional de comunicar conhecimento e representar lugares evocando sentimentos e ambiências que dificilmente seriam captados através de outras formas de comunicação (D. Dixon et al., 2012;

Hawkins, 2019; Paiva, 2022). É neste contexto que muitos geógrafos e geógrafas passaram também eles a criar obras de arte e a fazer trabalho de curadoria, transformando-se em geógrafos-artistas ou interagindo de forma muito próxima com o mundo da arte.

Hawkins (2021a) argumenta que o conceito de *medium* apresenta potencial para perceber uma parte das relações entre as práticas criativas e a Geografia. Há, contudo, que ter em atenção que o conceito de *medium* aqui utilizado compreende críticas como as de Krauss (2000) e deve ser entendido numa condição “*post-medium*”, onde o *medium* não é percebido como um único objeto, mas antes como um campo complexo e fluído – uma ambiência afetiva – proporcionado pelas práticas artísticas (Osborne, 2013). Por exemplo, Overend, Lorimer e Schreve (2020), através de uma “ecopolítica da coexistência”, argumentam que a força crítica do *medium* é reorientada da sua crítica ao capitalismo para um “encontro experimental com o tempo profundo (*deep time*) e os seus habitantes não humanos” (2020, p. 454).

Apesar de o meio de divulgação privilegiado pela Geografia Cultural continuar a ser a publicação em formato de monografia ou artigo científico, muitas geógrafas e geógrafos transformaram-se em criadores artísticos (Arnold, 2019; Cresswell, 2013, 2015a, 2020; de Leeuw, 2015; Gibbs et al., 2020; Hunt, 2014; Magrane & Cokinos, 2016; Nordström, 2016; Noxolo, 2018; Olsen, 2019a; Peterle, 2017, 2019; Straughan, 2019; Veal, 2016) ou curadores e co-curadores (Boyd, 2023; Boyd & Barry, 2020; Driver, 2013; Engelmann, 2020;

Olsen, 2016, 2024). Estas práticas vieram desafiar as formas tradicionais de disseminação de conhecimento e criar novos outputs que tornam necessária uma reavaliação das práticas de citação e valorização curricular. Valorizar o objeto artístico (na sua condição de *medium*) como uma forma de difusão do conhecimento permite que “os geógrafos/geógrafas culturais construam formas mais sofisticadas de pensar e escrever sobre e com a prática criativa” (Hawkins, 2021a, p. 1713), e isso faz com que ele se torna uma nova forma de reprodução de conhecimento científico pertinente para a Geografia.

Esta tendência tem levado a um repensar dos meios de divulgação científica tradicional ligados à Geografia cultural, salientando-se a abertura de revistas como a *Geograficidade*, a *cultural geographies*, a *Emotion, Space and Society*, a *ACME*, ou a *GeoHumanities* em possibilitar a publicação de artes visuais, trabalhos fotográficos, poesia, banda desenhada, mapas, ou ficção, sempre que estas obras artísticas possam ser consideradas como expressões de conhecimento geográfico (Boyd & Edwardes, 2019; Hawkins, 2021a; Peterle, 2021).

Através das interseções com a arte, a Geografia encontrou novas formas de expressão de conhecimento que excedem a forma escrita. Se vimos no ponto anterior que a arte tinha um elevado potencial para intervir no espaço e nas formas de relação que temos com ele, reinventando-as e apresentando-as a uma nova luz, percebemos agora que a arte constitui também uma forma não

convencional de veiculação de conhecimento, alternativa às publicações convencionais. Nestas novas práticas a arte, na sua possibilidade de combinar formas (visuais, sonoras e hápticas) e linguagem, consegue captar atmosferas, sentidos e texturas de lugares, evitando uma comunicação convencional através de “verdades projetadas e paradigmas realistas, abrindo lugar para a interpretação” (Hunt, 2014, p. 159) e avaliação crítica. Esta nova forma de comunicar na Geografia não se quer apresentar apenas como evidente, mas simultaneamente revelar o invisível – capturando e representando os lugares através das obras de arte, e simultaneamente evocando a errância dos ritmos nos corpos, alternando em eventos e momentos de relações agenciais nos espaços que nós habitamos (Paiva, 2020; Tolia-Kelly, 2012). A arte como forma de divulgação de conhecimento na Geografia possibilita uma reflexão profunda sobre as texturas, sentimentos e experiências dos lugares (Latham, 2003; Latham & McCormack, 2009; Engelmann, 2020), evocando o poder do invisível e desconhecido e a sua enorme relevância na compreensão e construção dos lugares onde habitamos.

Conclusão

Neste capítulo explorou-se a relação entre geografia, arte e criatividade na perspectiva mais-do-que-representacional do *creative (re)turn*. Enquanto perspetivas anteriores tendiam a enquadrar a arte como um reflexo ou representação do espaço e da

sociedade, a visão mais-do-que-representacional reconhece a arte como uma força ativa na criação de significado e na transformação das experiências humanas, como um *medium* capaz de transmitir e evocar texturas, sentimentos, experiências dos lugares e relações agenciais dos lugares geralmente invisíveis e incapazes de ser transmitidas através de outros outputs, tornando-o uma forma de comunicar conhecimento geográfico com virtualidades e capacidades próprias, revolucionando abordagens dentro da disciplina.

Num primeiro momento ao explorar a teoria deleuziana sobre encontro e hábito percebeu-se como a arte pode ser percebida na sua capacidade de romper hábitos e promover novos valores; valores esses que determinam novas formas de significar, ser e se relacionar com o mundo. Ao contrário do que acontecia numa perspetiva representacional, a arte é aqui considerada de forma multifacetada. Como um evento performativo ela passa a ser entendida como um local de encontro entre o artista, a obra de arte e o espectador, onde novos significados são produzidos e novas formas de relação com o mundo são imaginadas; como *medium* ela é capaz de evocar e reproduzir dinâmicas espaciais invisíveis e que ajudam a geografia – que virara o seu olhar para os eventos quotidianos – a determinar relações que nas formas convencionais da ciência seriam negligenciados.

Para perceber como a arte nos ajuda a intervir e produzir novas formas de relação e “novos” lugares, o conceito de topos e a

topopoética são fundamentais. A relação entre o *topos* imaginário e o *topos* material permite-nos compreender como a arte pode influenciar a forma como percebemos e habitamos os lugares, destacando a importância da criação de sentido e significado através da *poiesis*. Ao explorar o conceito de topopoética, entendemos que a arte não é apenas uma representação dos lugares, mas que permite também um fazer-lugar – um imaginar novas formas de relação e valorização – uma construção que permite dar significado e valorizar as experiências de habitar esses lugares – i.e. Essa capacidade de criar novos sentidos e significados é essencial para promover uma reavaliação dos hábitos e práticas de relação com o mundo, contribuindo para a reinvenção dos lugares e das comunidades que os habitam.

Por fim, ao considerarmos a arte como *medium* de comunicação e conhecimento na geografia, reconhecemos o seu potencial para transmitir texturas, sentimentos e experiências dos lugares, que geralmente são invisíveis noutras formas de comunicar. Essa abordagem não convencional de divulgação do conhecimento geográfico permite uma reflexão mais profunda sobre as complexidades e nuances dos lugares, evocando o poder do invisível e desconhecido na construção e compreensão dos mesmos. A arte, como lente de observação, representação e comunicação do mundo, dos lugares e das relações de agência neles existentes, oferece uma linguagem não verbal que complementa e,

em muitos casos, supera as limitações da comunicação verbal e escrita.

Em suma, a perspetiva mais-do-que-representacional do *creative (re)turn* na Geografia reconhece a arte como uma força ativa na criação de significado e na transformação das experiências humanas nos lugares. Ao romper com abordagens tradicionais que limitavam a arte a uma mera representação, esta visão ampliada permite-nos explorar novas formas de intervir nos lugares, criar novas relações e reinventar as práticas de habitar. Assim, a Geografia e a arte encontram-se em um diálogo constante, enriquecendo-se mutuamente e contribuindo para uma compreensão mais profunda e holística do mundo que habitamos.

Referências

- ACKER, M. Gesturing toward the common and the desperation: Climate geopoetics' potential. **Dialogues in Human Geography**, v. 11, n. 1, p. 23–26, 2021.
- ANDERSON, B.; HARRISON, P. **Taking-place: Non-Representational Theories and Geography**. London: Routledge, 2010.
- ARNOLD, E. Aesthetic practices of psychogeography and photography. **Geography Compass**, v. 13, n. 2, 2019.
- BACHELARD, G. **The Poetics of Space**. London: Penguin Books, 2014.
- BISHOP, C. **Installation Art: A Critical History**. London: Routledge, 2005.
- BOYD, C. P. **Exhibiting Creative Geographies**. Tapiei: Springer Nature Singapore, 2023.

BOYD, C. P.; BARRY, K. Challenges of creative collaboration in geographical research. **Cultural Geographies**, v. 27, n. 2, p. 307–310, 2020.

BOYD, C. P.; EDWARDES, C. **Non-representational theory and the creative arts**. Taipei: Springer Singapore, 2019.

BRAYSHAW, T.; WITTS, N. **The Twentieth Century Performance Reader**. London: Routledge, 2013.

BRITO-HENRIQUES, E.; COSTA, P. Restoring Place Attachment in a Ruined Post-industrial Landscape: Change, Sense of Community and Aesthetics in Barreiro, Portugal. In: ILLOVAN, O. R.; MARKUSZEWSKA, I. (Orgs.) **Preserving and Constructing Place Attachment in Europe**. London: Springer 2022, p. 329–344.

COSGROVE, D. **Social Formation and Symbolic Landscape**. Madison: University of Wisconsin Press, 1998.

COSGROVE, D.; DANIELS, S. **The Iconography of Landscape: Essays on the Symbolic Representation, Design and Use of Past Environments**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

CRESSWELL. The topopoetics of dwelling as preservation in Lorine Niedecker's Paeon to place. In: MAGRANE, E.; RUSSO, L.; DE LEEUW, S.; PEREZ, C. S. (Eds.). **Geopoetics in Practice**. London: Routledge, 2019. p. 172–185.

CRESSWELL, T. **Soil**. London: Penned in the Margins, 2013.

CRESSWELL, T. **Fence**. London: Penned in the Margins, 2015a.

CRESSWELL, T. **Topo-poetics: Poetry and Place**. Tese (Doutorado em English – Creative Writing) – Royal Holloway University of London, Londres. 2015b.

CRESSWELL, T. **Towards Topopoetics: Space, Place and the Poem**. In: JANZ, B. B. (Org.) **Place, space and hermeneutics**, London: Springer, 2017, p. 319–331.

CRESSWELL, T. **Plastiglomerate**. London: Penned in the Margins, 2020.

CRESSWELL, T. Writing (new) worlds: poetry and place in a time of emergency. **Geografiska Annaler: Series B, Human Geography**, v. 104, n. 4, p. 374–389, 2022.

CRESSWELL, T.; DIXON, D. GeoHumanities. In: **International Encyclopedia of Geography**. Wiley, 2017. p. 1–9.

DE LEEUW, S. **Skeena**. Qualicum Beach: Caitlin Press, 2015.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.

DELEUZE, G. **Nietzsche and Philosophy**. New York: Columbia University Press, 2006.

DELEUZE, G. **A Filosofia Crítica de Kant**. Edições 70, 2012.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Qu'est-ce que la philosophie?**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1991.

DIXON, D. Thinking with/as a frog: Art, science and the performative image. In: STRAUGHAN, E.; HAWKINS, H. (Org.) **Geographical Aesthetics: Imagining Space, Staging Encounters**. New York: Taylor and Francis, 2016. p. 251–266.

DIXON, D. In the breach: feeling the heat of climate change. **Scottish Geographical Journal**, v. 139, n. 1–2, p. 103–114, 2023.

DIXON, D.; HAWKINS, H.; STRAUGHAN, E. Of human birds and living rocks. **Dialogues in Human Geography**, v. 2, n. 3, p. 249–270, 2012.

DIXON, D. P.; HAWKINS, H.; STRAUGHAN, E. R. Wonder-full geomorphology. **Progress in Physical Geography: Earth and Environment**, v. 37, n. 2, p. 227–247, 2013.

DRIVER, F. Hidden histories made visible? Reflections on a geographical exhibition. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 38, n. 3, p. 420–435, 2013.

ENGELMANN, S. **Sensing Art in the Atmosphere: Elemental Lures and Aerosolar Practices**. London: Routledge, 2020.

FOSTER, K.; LORIMER, H. Some reflections on art-geography as collaboration. **Cultural Geographies**, v. 14, n. 3, p. 425–432, 2007.

GERLACH, J. et al. Geophilosophy round table. **Subjectivity**, v. 30, n. 1, p. 91-106, 2023.

GIBBS, L. et al. 'Rock the Boat': song-writing as geographical practice. **Cultural Geographies**, v. 27, n. 2, p. 311-315, 2020.

HAWKINS, H. Dialogues and Doings: Sketching the Relationships Between Geography and Art. **Geography Compass**, v. 5, n. 7, p. 464-478, 2011.

HAWKINS, H. Geography and art. An expanding field: Site, the body and practice. **Progress in Human Geography**, v. 37, n. 1, p. 52-71, 2013.

HAWKINS, H. Creative geographic methods: knowing, representing, intervening. On composing place and page. **Cultural Geographies**, v. 22, n. 2, p. 247-268, 2015.

HAWKINS, H. **Creativity**. London: Routledge, 2017.

HAWKINS, H. Geography's creative (re)turn: Toward a critical framework. **Progress in Human Geography**, v. 43, n. 6, p. 963-984, 2019.

HAWKINS, H. Cultural Geography I: Mediums. **Progress in Human Geography**, v. 45, n. 6, p. 1709-1720, 2021a.

HAWKINS, H. Rethinking Animation: Boundaries, Bodies and Borders in Motion. In: **Blackwell Companion to Geographical Thought**. New Jersey: Wiley, 2021b. p. 271-289.

HAWKINS, H.; STRAUGHAN, E. Nano-art, dynamic matter and the sight/sound of touch. **Geoforum**, v. 60, p. 16-25, 2015.

HEIDEGGER, M. **Vorträge und Aufsätze** (1936-1953). In: Herrmann, F.-W. von (Ed.). Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2000.

HUNT, M. A. Urban Photography/Cultural Geography: SPACES, Objects, Events. **Geography Compass**, v. 8, n. 3, p. 151-168, 2014.

KEATING, T. P.; WILLIAMS, N. Geophilosophies: towards another sense of the earth. **Subjectivity**, v. 15, n. 3, p. 93-108, 2022.

KRAUSS, R. **A Voyage on the North Sea: Art in the Age of the Post-Medium Condition**. Londres: Thames & Hudson, 2000.

LAPWORTH, A. Habit, art, and the plasticity of the subject: the ontogenetic shock of the bioart encounter. **Cultural Geographies**, v. 22, n. 1, p. 85-102, 2015.

LATHAM, A. Research, Performance, and Doing Human Geography: Some Reflections on the Diary-Photograph, Diary-Interview Method. **Environment and Planning A: Economy and Space**, v. 35, n. 11, p. 1993-2017, 2003.

LATHAM, A.; MCCORMACK, D. P. Thinking with images in non-representational cities: vignettes from Berlin. **Area**, v. 41, n. 3, p. 252-262, 2009.

LATOUR, B. **Reassembling the Social - An Introduction to Actor-Network-Theory**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

LEEUEW, S. de. Geohumanities: An Evolving Methodology. In: Lovell, S. A.; Coen, S. E.; Rosenberg, M. W. (Eds.). **The Routledge Handbook of Methodologies in Human Geography**. Londres: Routledge, 2022. p. 94-102.

LOURO, I.; MENDES, M.; PAIVA, D.; Sánchez-Fuarros, I. A Sonic Anthropocene. Sound Practices in a Changing Environment. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 10, n. 1, p. 3-17, 2020.

JIRON, P.; LÓPEZ, C. Doing and generating urban ethnographies in Santiago de Chile. In: VENEGAS, K. M.; HUERTA, A. H. (Org.) **Urban Ethnography: approaches, perspectives and challenges**. London: Routledge, 2023, p. 175-194.

LORIMER, H. Cultural geography: The busyness of being 'more-than-representational.' **Progress in Human Geography**, v. 29, n. 1, p. 83-94, 2005.

MAGRANE, E. Climate geopoetics (the earth is a composted poem). **Dialogues in Human Geography**, Londres, v. 11, n. 1, p. 8-22, 2021.

MAGRANE, E. et al. **Geopoetics in Practice**. London: Routledge, 2019.

MAGRANE, E.; COKINOS, C. The Sonoran Desert: A Literary Field Guide. Tucson: **University of Arizona Press**, 2016.

MITCHELL, W. J. T. **Picture Theory**: Essays on Verbal and Visual Representation. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

NASH, C. Performativity in Practice: Some Recent Work in Cultural Geography. **Progress in Human Geography**, v. 24, n. 4, p. 653–664, 2000.

NOXOLO, P. Flat Out! Dancing the city at a time of austerity. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 36, n. 5, p. 797–811, 2018.

O'DELL, K. **Contract with the Skin**: Masochism, Performance Art, and the 1970s. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.

OLSEN, C. S. Materiality as performance. **Performance Research**, v. 21, n. 3, p. 37–46, 2016.

OLSEN, C. S. Socially Engaged Art and the Neoliberal City. In: Olsen, C. S. (Ed.). **Socially Engaged Art and the Neoliberal City**. Londres: Routledge, 2019a.

OLSEN, C. S. Urban space and the politics of socially engaged art. **Progress in Human Geography**, v. 43, n. 6, p. 985–1000, 2019b.

OLSEN, C. S. The arts of attention and Oslo Architecture Triennale. **Nordic Journal of Art & Research**, v. 13, n. 1, 2024.

OSBORNE, P. **Anywhere or Not at All**: Philosophy of Contemporary Art. Londres: Verso, 2013.

OVEREND, D.; LORIMER, J.; SCHREVE, D. The bones beneath the streets: drifting through London's Quaternary. **Cultural Geographies**, v. 27, n. 3, p. 453–475, 2020.

PAIVA, D. Teorias Não-Representacionais na Geografia I: Conceitos para uma Geografia do que Acontece. **Finisterra**, v. 52, n. 106, 2018a.

PAIVA, D. Teorias Não-Representacionais na Geografia II: Métodos para uma Geografia do que Acontece. **Finisterra**, v. 53, n. 107, 2018b.

PAIVA, D. Poetry as a resonant method for multi-sensory research. **Emotion, Space and Society**, v. 34, 2020.

PAIVA, D. A criação artística como fonte para a história da geografia. **Terra Brasilis**, v. 17, 2022.

PETERLE, G. Comic book cartographies: A cartocentred reading of City of Glass, the graphic novel. **Cultural Geographies**, v. 24, n. 1, p. 43-68, 2017.

PETERLE, G. Carto-fiction: narrativising maps through creative writing. **Social & Cultural Geography**, v. 20, n. 8, p. 1070-1093, 2019.

PETERLE, G. Comics as a Research Practice. **Drawing Narrative Geographies Beyond the Frame**. Londres: Routledge, 2021.

RANCIÈRE, J. **Aesthetics and Its Discontents**. Cambridge: Polity Press, 2009.

RILKE, R. M. **Poems, 1906 to 1926 (vol. 2)**. Leishmann, J. B. (Trad. e Ed.). Nova Iorque: New Directions Publishing Corporation, 1957.

ROBERTS, T.; LAPWORTH, A.; DEWSBURY, J. D. From 'world' to 'earth': non-phenomenological subjectivity in Deleuze and Guattari's geophilosophy. **Subjectivity**, v. 15, n. 3, p. 135-151, 2022.

ROSE, G. **Feminism and Geography: The Limits of Geographical Knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993.

ROSE, G. Situating knowledges: positionality, reflexivities and other tactics. **Progress in Human Geography**, v. 21, n. 3, p. 305-320, 1997.

ROSE, G. **Visual Methodologies: an Introduction to Researching with Visual Materials**. 4. ed. Londres: Sage Publications, 2001.

SILVA, L. Uma Geografia do que Acontece. **Revista Geográfica Acadêmica**, v. 16, n. 2, p. 72-85, 2022a.

SILVA, L. A Paisagem entre a Pintura e a Literatura. **Geografia Em Questão**, v. 15, n. 02, 2022b.

SILVA, L. A transcendência da representação na geografia mais-que-humana. **Boletim de Geografia**, v. 42, p. 1-18, 2023a.

SILVA, L. Elucidando as Teorias Não-Representacionais. **Revista Geotemas**, v. 13, e02301, 2023b.

SMITH, D.; PROTEVI, J.; VOSS, D. Gilles Deleuze. In: ZALTA, E. N.; NODELMAN, U. (eds.). **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Stanford: Stanford University, 2023. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/deleuze/>>.

SMITH, T. **What Is Contemporary Art?** Chicago: The University of Chicago Press, 2009.

SOJA, E. **Thirdspace**: Journeys to Los Angeles and Other Real and Imagined Places. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

STRAUGHAN, E. R. A touching experiment: Tissue culture, tacit knowledge, and the making of bioart. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 44, n. 2, p. 214–225, 2019.

THRIFT, N. **Spatial Formations**. Londres: SAGE Publications Ltd., 1996.

THRIFT, N. **Non-Representational Theory**: Space, Politics, Affect. 1. ed. Londres: Routledge, 2007.

TOLIA-KELLY, D. P. The geographies of cultural geography II. **Progress in Human Geography**, v. 36, n. 1, p. 135–142, 2012.

VEAL, C. A choreographic notebook: methodological developments in qualitative geographical research. **Cultural Geographies**, v. 23, n. 2, p. 221–245, 2016.

WALSH, M. Critique Fatigue. **Art Monthly**, v. 400, p. 13–16, 2016.

WILLIAMS, N. The problem of critique in art-geography: five propositions for immanent evaluation after Deleuze. **Cultural Geographies**, v. 29, n. 3, p. 335–352, 2022.

WILLIAMS, N.; PATCHETT, M.; LAPWORTH, A.; ROBERTS, T.; KEATING, T. Practising post-humanism in geographical research. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 44, n. 4, p. 637–643, 2019.